

Efeitos da leitura na produção escrita de L.M.

Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson

Resumo

Este trabalho apresenta resultados parciais de um estudo longitudinal sobre a emergência do estilo individual que se realiza como parte de um Projeto Integrado financiado pelo CNPq, intitulado “Subjetividade, Alteridade e a Construção de Estilo: a Relação entre Estilos de Gênero e Estilos Individuais.”. Seu objetivo principal é discutir o papel da leitura na emergência de um estilo humorístico em uma criança (L.M.), cujos textos, escritos em casa e na escola, são analisados. Assumimos a concepção de estilo defendida por Possenti (1988; apud Granger, 1968), e uma concepção socio-histórica de linguagem (Franchi, 1987; Bakhtin, 1992 [1952-1953])

Palavras-chave

- Escrita;
- Leitura;
- Escrita - estilos.

Professora do Instituto de Estudos
da Linguagem (IEL), da Universida-
de Estadual de Campinas
-UNICAMP; PhD em Linguística

Este trabalho apresenta resultados parciais do projeto “A emergência do estilo: construindo o humor no texto”, que venho desenvolvendo no âmbito do Projeto Integrado CNPq “Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo: Relação entre estilos dos gêneros e estilos individuais” (CNPq Processo n. 521837/95-2).

Meu objetivo é discutir o papel da leitura na emergência de um estilo bem humorado, a partir da análise de um “corpus” longitudinal em aquisição da escrita de um sujeito (L.M.). Antes de passar à discussão, no entanto, é necessário apresentar brevemente os pressupostos teóricos do projeto¹.

Assumo uma concepção sócio-histórica de linguagem, vendo-a como lugar de interação humana, de interlocução, como atividade/trabalho que, ao mesmo tempo que constitui os pólos da subjetividade e da alteridade, é também, constantemente, modificada pelo sujeito, que sobre ela atua (cf. Franchi, 1987). Esta concepção de linguagem, permitindo visualizar uma relação dinâmica e constitutiva entre o sujeito, o outro e a linguagem, permite, igualmente, visualizar os sujeitos/outros reais e suas histórias individuais de relação com a linguagem. Citando Abaurre (1999):

Dentro da concepção aqui assumida, adquirem particular relevância não só os papéis de Sujeito e de Outro da linguagem; passam a interessar, e muito, também os indivíduos que preenchem tais papéis discursivos, em situações reais de interlocução, historicamente situadas. Ora, sujeitos reais costumam usar a linguagem, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, de maneira por vezes absolutamente singular.

Assumo, ainda e em decorrência mesmo da concepção de linguagem, uma concepção de estilo enquanto “escolha” e enquanto “marca de trabalho do sujeito na linguagem”, proposta por Possenti (1988) (inspirado em Granger, 1968). Segundo Possenti (1993, p. 203):

Nesta perspectiva, há estilo se e quando há marca de trabalho. É secundário avaliar se a marca do trabalho linguístico reflete uma atividade consciente ou inconsciente, se um recurso de expressão foi empregado calculadamente, para a obtenção de um efeito específico, ou se isso se deu inconscientemente. O que importa é que haja um trabalho da (e sobre) a língua.

Esta concepção de estilo, ao mesmo tempo que exclui outras visões de estilo – estilo como fenômeno literário, estilo como desvio, estilo como idiossincrasia – abre a perspectiva de ver indícios/marcas estilísticas até na fala/escrita de aprendizes, sujeitos/outros em pleno movimento de constituição da linguagem, como são os sujeitos com que temos lidado no PI. Abre, também, a possibilidade de colocar a questão do estilo em construção, de questionar como surge e é constituído, objetivo do meu projeto individual.

A investigação atual no âmbito do PI centra-se na análise da relação entre a emergência dos estilos individuais e os estilos dos gêneros em si. Toma-se, portanto, como pressuposto, que os próprios gêneros com os quais os sujeitos estarão entrando em contato em vários contextos ao longo do seu processo de aquisição da escrita constituem lugares de manifestação estilística dos autores dos textos. É no interior dos gêneros, pois, e em vínculo estreito com seus estilos próprios, que são buscadas as marcas que permitem falar da emergência de estilos individuais. A concepção de gêneros do discurso em que me apóio é a apresentada por Bakhtin (1992), entendendo gênero como *tipos relativamente estáveis de enunciados* constituídos sócio-historicamente nas diferentes e variadas esferas de comunicação verbal. Desta concepção, interessa, principalmente, a idéia dinâmica de constituição dos gêneros, a possibilidade de transformação, de influência mútua entre diferentes gêneros e a possibilidade do surgimento de novos (infinitos) gêneros do discurso, acompanhando o aumento de complexidade das situações de comunicação verbal (que explicaria uma diferença na manipulação de diferentes gêneros escritos de crianças pertencentes a diferentes estratos sócio-econômicos, por exemplo, bem como a diferença observável à medida em que aumenta a escolarização). Esta visão de gêneros parece compatível com as concepções de linguagem e de estilo adotadas no projeto.

É necessário, ainda, mencionar brevemente a opção metodológica adotada pelos pesquisadores do PI desde o início das investigações em 1992, inspirada nos chamados paradigmas *indiciários* de investigação (cf. Ginzburg, 1986). Assim, conforme explicitado em Abaurre (1996):

Assume-se, coerentemente com tais paradigmas, um modelo epistemológico fundado no detalhe, no “resíduo”, no episódico, no singular, a partir do pressuposto de que, se identificados a partir de princípios metodológicos previamente definidos, os dados singulares podem ser altamente reveladores daquilo que se busca conhecer:

no caso específico deste Projeto Integrado, a natureza da complexa relação Sujeito/Linguagem, conforme se manifesta no processo de aquisição da escrita”.

Conforme já dito, nosso objetivo aqui será o de refletir sobre o papel e os efeitos da leitura na produção escrita de um sujeito, L.M., cujos dados longitudinais vimos coletando e analisando desde a década de 80.

Trata-se de sujeito do sexo feminino, filha de professores universitários, freqüentadora de escola(s) particular(es) desde os dois anos e meio, atualmente preparando-se para vestibular para o ensino superior. Os dados coletados abrangem: a) um diário mantido pela mãe, iniciado quando L.M. completou um ano de idade e que se estendeu até os sete anos, quando ela completou a primeira série do ensino elementar; b) a produção escrita escolar e doméstica, da pré-escola até cursinho pré-vestibular; c) a grande maioria dos livros infantis da biblioteca particular de L.M., bem como os livros didáticos, apostilas e textos das diversas disciplinas utilizados na escola. Este amplo *corpus* de dados faz parte do Banco de Dados do Projeto Integrado de Aquisição da Escrita (PALE) sediado no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP e vem sendo analisado por pesquisadores e bolsistas ligados ao Projeto Integrado².

Apesar de, até o momento, não se ter utilizado o *corpus* longitudinal de L.M. no sentido de analisar mais sistematicamente o papel e os efeitos, na sua produção escrita, das leituras feitas, alguns trabalhos de iniciação científica tematizaram a questão da leitura. O projeto de iniciação científica de Almeida Filho (2000), por exemplo, considerou os dados contidos no diário materno, buscando indícios da constituição de L.M. como leitora. Já o projeto de Domenica (1997) analisou algumas produções escritas de L.M., bem como as de outros sujeitos cujos textos pertencem ao Banco de Dados do PALE, buscando nelas a presença das leituras feitas pela e para a criança.

O que me interessa – mais do que entender a constituição de L.M. como leitora ou entender como seus textos ecoam os textos que são lidos para ela e que mais tarde ela mesma lê – é entender o papel da leitura na constituição do estilo de fazer humor no texto que L.M. vem desenvolvendo. Falamos deste estilo de L.M. em vários trabalhos (Mayrink-Sabinson 1993, 1999, 2000). A consideração de indícios/marcas de trabalho encontrados nas produções escritas de L.M. aponta para a manutenção de uma

tendência, que considero estilística, de produzir textos que obtêm e, talvez, visem mesmo obter um efeito de humor. Recursos repetidamente utilizados em textos produzidos por L.M. produzem este efeito.

Um destes recursos é a manipulação de rimas, ritmo, aliterações produzindo um divertido “nonsense”, principalmente nos textos iniciais. Ora, considerando-se a biblioteca com que L.M. teve contato durante seus primeiros anos, os livros lidos para ela por adultos familiares bem como os textos e livros a que teve acesso nos primeiros anos escolares quando já lia sozinha, observa-se que um grande número deles é de poemas (Mário Quintana, Cecília Meireles, José Paulo Pais, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade entre outros). Além disso, grande número dos livros destinados ao público infantil a que L.M. teve acesso, livros que se propõem a narrar histórias, utilizam uma linguagem que apresenta características de textos poéticos por apresentar ritmo marcado, rimas, aliterações e “nonsense”, recurso aparentemente considerado apropriado para conseguir a atenção dos leitores iniciantes. A utilização que L.M. faz, pois, destes recursos pode ser traçada como tributária do contato com a leitura deste tipo de texto. Esse jeito particular de manipular a linguagem foi também, sem dúvida, constituído na interação com adultos, em especial com a mãe, que, além de ler, contava histórias inventadas como a d’ “O Macaco Aco e da banana Ana”, ou a da “Tanajura Juracy”, fazia inúmeras brincadeiras em que palavras eram segmentadas a partir da sílaba tônica (Afonso/onso/catibiribonso...), modificava letras de musiquinhas conhecidas, criando novas letras que L. considerava “engraçadas”, etc...

Outro recurso de que L.M. se serve para causar efeitos de humor pode ter, igualmente, sua origem atribuída às leituras. Trata-se da utilização de nomes próprios inusitados e estranhos para os personagens dos textos (Borrachudo, Genebaldo, Juréia, Agri-ão, Agiriri). Ou ainda da escolha de formas de referência pouco usuais e irreverentes (em uma história policial, escrita na oitava série, L.M. se refere à noiva do morto como “a quase viúva” e ao próprio morto como “Jr.”, “noivo”, “morto”, “defunto” e “fedido”, em diferentes momentos do texto em que L.M. fala dele). Muitos dos livros lidos para L.M. têm como seus personagens, figuras com nomes que se pode considerar “engraçados” dada sua estranheza, como Lalico Pimentão, Tungo-Tungo, Tumbune, Uxa, para lembrar alguns.

Da mesma forma, o recurso de escolher, na maioria dos textos, características inusitadas/contraditórias/ridículas para construir os personagens e a criação de enredos/situações narradas inusitadas e “engraçadas” pode ter sua origem traçada nos livros de história a que L.M. teve acesso – que apresentam, por exemplo, personagens que ficam o tempo todo segurando o nariz (Eu fico é segurando meu nariz), fazendo caretas (A menina das caretas), contando mentiras (As mentiras de Paulinho), rindo sem motivos (Eurico ri à toa); personagens cuja mania de limpeza os carrega pelos ares ao tentar limpar um gavião como em A limpeza de Tereza, ou cujo hábito de ir com os outros os levam a pular de um precipício como em Maria vai com as outras –.

Até mesmo a escolha, em diferentes momentos do processo de aquisição da linguagem escrita, de temas do cotidiano – aparentemente lembrados por violarem o “esperado”, “a normalidade”, por isto mesmo considerados “engraçados” e merecedores de serem relatados por escrito – pode ter sua origem nas leituras que L.M. fez ou ouviu. Há um subconjunto de livros em sua biblioteca, principalmente livros americanos, que relatam o cotidiano de seus personagens (We’re taking an airplane trip; I like to help my mommy; Sam’s all wrong day, por exemplo). Distanciando-se dos fatos vividos, L.M. ri de si mesma ao relatá-los (exemplar neste sentido os textos “Os banheiros da minha vida” e “A tia do avião”). Ver-se a si mesma como personagem de que pode rir é indício de um distanciamento crítico em construção.

Interessa-me buscar a presença da leitura no trabalho de linguagem realizado pelo sujeito, uma presença que pode acontecer de forma quase inesperada, mesmo antes de L.M. se tornar capaz de escrever. Um exemplo: aos 5 anos, 8 meses e 13 dias, L.M. cria o que ela própria reconhece e rotula como “uma poesia”:

*Com brilho me mandaram
um pedaço de batom
e outro de formiga.
(Oh! Eu tô fazendo uma poesia!)*
*Da Espanha me mandaram
uma mala do espaço
e um violão de Júpiter.
Me mandaram da Suíça
um pé de lagartixa
e outro de pãogartixa.*

A origem destes versos pode ser encontrada no livro Cadeira de Piolho. Há indícios de que é a partir de uma quadra que aparece neste livro – “Da Bahia me mandaram/ Um guizado com seu molho/ A costela de uma pulga/ O coração de um piolho” – que L.M. constrói sua “poesia”. Assim, esta produção do sujeito vai refletir, de forma bastante original além de quase inesperada, uma leitura. O próprio sujeito parece dar-se conta da fonte do seu dizer pois, logo após ter exclamado “Oh! Eu tô fazendo uma poesia”, aparece a mesma estrutura do primeiro verso da quadra, com a substituição de “Espanha” por “Bahia”.

Considerando o que diz Fiorin (1994) sobre os processos de intertextualidade, o texto de L.M. parece fazer alusão à quadrinha de Cadeira de Piolho, um de seus livros favoritos na época. Mudam o ritmo, as rimas. O que permite reconhecer o texto com o qual dialoga é o “me mandaram”, que se repete em todo o poema, e a estrutura “Da/de+nome de lugar+me mandaram que surge no início de algumas estrofes. Estes versos surgem em um momento em que mãe e filha estão na cozinha, longe de livros. Contra-põe-se, assim, à escrita do poema transcrito abaixo, feita na segunda série do ensino fundamental, após um trabalho escolar com poemas variados. Trata-se, então, de uma tarefa de escrita não espontânea:

*O meu jarrinho
Menininho me deste o
seu jarrinho.
Para colocar no meu
pomar.
O meu pomar é no
no mar.*

Neste caso, é possível traçar com bastante clareza a origem da escrita de L.M. que ecoa citando, na classificação de Fiorin (1994), três poemas lidos em sala de aula pela turma da segunda série. Assim, o título e o primeiro verso citam o poema “Levava eu um jarrinho” de Fernando Pessoa. Henriqueta Lisboa, com seu poema “Pomar”, certamente contribuiu nos versos seguintes, talvez mesmo para o primeiro, com o “Menininho” – tributário do “Menino” de Lisboa feito diminutivo para rimar com “jarrinho”? Ou uma versão abasileirada do “rapaz” do poema de Pessoa? –. Até mesmo a forma verbal da segunda pessoa do Pretérito Perfeito – “deste” –, que surpreende porque inexistente na

fala do português brasileiro da região onde mora L.M. e que, certamente, tornou-se conhecida via escrita, pode ser encontrada no poema “A Porteira” de Mário Quintana. Neste poema, esta forma ocorre no verso “com o sorriso que me deste”, curiosamente o único a aparecer destacado graficamente por travessões. Neste caso, a palavra do outro, no sentido bakhtiniano, faz-se bastante evidente³. Diferentemente do poema inspirado nos versinhos de Cadeira de Piolho, este segundo não produz efeitos de humor.

Acredito que rastrear a escrita localizando os textos com os quais o sujeito dialogou(a) via leitura, como se consegue fazer com “O meu jarrinho”, seja tarefa quase impossível. Parece-me que esse outro, a leitura, principalmente quando freqüente e variada como no caso de L.M., vai-se mostrar na escrita de uma forma difusa, não facilmente visível, em momentos inesperados. É o que me interessa buscar. Assim, um texto produzido na segunda série retoma, sutilmente, algo da leitura de Alice no País das Maravilhas:

A menina sem fim
Era uma vez uma menina que tinha 9 anos.
Ela era loira, olhos castanhos, uzava sempre uma
tiara no cabelo.
No aniversário dela a mãe deu de presente
para ela era um perfume ela rezolveu por um
pouquinho nela ela falou:
_ Obrigado mamãe e a mãe respondeu:
_ Dinada filha.
De repente um estouro pum!!! a filha
aumentou de tamaio ficou de 20 metros
para sima da mãe e a mãe levou um
susto e falou:
_ Meudeus. Minha filha aumentou.
A filhona colocou mais um pouco do
perfume e creceu mais 80 metros e
furou o teto depois di um tempo ela
diminuiu e ela e a mãe viverão felizis
para sempre.
FIM

O texto de L.M. faz alusão ao texto de Lewis Carrol. Enquanto Alice cresce ao comer, a personagem criada por L.M. – uma menina sem nome, mas “loira” e que usava “sempre uma tiara no cabelo” como a Alice do filme e dos livros de Walt Disney; no entanto “de olhos castanhos” como a Alice morena das ilustrações do livro que o pai lia para ela com frequência – cresce ao usar um perfume que ganhou de presente da mãe. O efeito de crescimento repentino e incontrolável causado por uma substância remete imediatamente à Alice de Carrol⁴. A alusão via descrição da personagem, no entanto, só pode ser suspeitada por quem conhece o filme e os livros e conhece a história de L.M. de contato com estes textos.

Para encerrar, trago um outro texto de L.M.. Trata-se do texto “Era uma vez uma história”, cuja versão original foi produzida em casa como tarefa escolar. Revendo a lista dos livros da biblioteca pré-escolar de L.M. encontrei um deles cujo título é o mesmo. Consciente ou inconscientemente, L.M. vai buscar o título do seu texto em leituras passadas.

Considerando o conjunto das produções escritas de L.M., tentando entender a emergência do estilo de fazer humor, foi observado que L.M. costuma ou deixar seus personagens sem nome ou nomeá-los com nomes inusitados, criados por ela ou mesmo nomes reais em que ela acha graça (Marta, Genebaldo, Genoveva). Raras vezes ela opta por nomes mais conhecidos, como acontece no texto em questão. Nele os nomes utilizados eram nomes de crianças conhecidas de L.M., portanto, não engraçados. A graça do texto é criada de outra forma. Trata-se, aqui, de um dado único. L.M. constrói a graça do texto via “repetição” – um recurso estilístico largamente utilizado por ela, já que rimas, aliterações, ritmo, o próprio uso reiterado de uma mesma expressão, como no texto “O bolo bem bolado”⁵, seriam, num sentido, igualmente baseados em “repetição” (de sons/letras, de sílabas, de acento, de palavras) –. Em “Era uma vez uma história”, a graça é criada via “repetição” da própria estrutura narrativa. L.M. conta uma história, dentro de uma história, dentro de uma história e, dessa circularidade, surge o inesperado e a graça.

Era uma vez uma história

Um dia uma menina chamada Vanesa quebrou o pé, então ela não podia ir na escola. Então comemos uma estória

A estória era assim

Era uma vez uma menina que se chamava Rafaela. Essa menina, um dia, estava brincando e quebrou a perna.

Como ela quebrou a perna e não podia ir a escola então começou a escrever uma estória.

Um dia uma menina chamada Alesandra estava brincando quebrou o braço e não pode escrever estórias.

Neste texto, a estrutura circular ecoa um dos livros mais apreciados por L.M. e considerado, por ela, muito engraçado – *A coruja curiosa*.⁶ Neste livro, uma coruja, descrita como curiosa, parte em viagem para fazer uma visita à tia, parando durante o trajeto para descansar em uma árvore solitária e desejosa de companhia. Durante este período de repouso, a coruja conta sua história para a árvore. Quando ela está para se despedir e continuar sua viagem, a árvore, na tentativa de prendê-la por mais tempo, propõe-se a contar-lhe uma história. A curiosidade da coruja faz com que ela aceite ouvir a história e a árvore, então, começa a contar a mesma história que lhe fora contada pela coruja. Da primeira vez que L.M. ouviu a leitura deste livro, que ela ganhou ao completar cinco anos, ela reagiu muito surpreendida a essa repetição – “a mesma história de novo?” – e o livro passou a ser um dos favoritos, inclusive proposto como leitura para amigos. Foi um dos livros escolhidos para ser levado para a escola como contribuição para a biblioteca de classe. Essa possibilidade de encaixar uma história dentro da mesma história (como no caso da brincadeira oral “Era uma vez um gato xadrez, você quer que eu te conte outra vez?”, também muito apreciada), de repetir circularmente a estrutura narrativa, é então aproveitada por L.M.⁷

Espero ter mostrado que a leitura teve um papel na constituição de um estilo individual de escrever e de ver o mundo. Outras crianças podem construir outros estilos a partir das mesmas leituras, sem dúvida, porque a leitura não é o único ingrediente a contribuir para a emergência de um estilo. O papel da leitura é, como tentei mostrar, muitas vezes difuso, inesperado, difícil de detectar, principalmente em textos que não respondem imediatamente ao pedido da escola. A metodologia indiciária que utilizamos no Projeto Integrado e o tipo de dados longitudinais que temos disponível no Banco de Dados permitem ver detalhes que de outra forma passariam impercebidos dessa relação leitura-produção de textos.

Notas

- 1 Este texto é parte dos resultados de Pesquisa apoiada pelo CNPq, projeto n. 350001/96-0. O texto foi apresentado como comunicação durante o VI Congreso de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura, realizado em Granada, Espanha de 13 a 15 de dezembro de 2000.
- 2 Estes pressupostos teórico-metodológicos encontram-se mais amplamente discutidos em Abaurre, M.B.M.; Fiad, R. S.; Mayrink-Sabinson, M. L. T. & Geraldí, J.W. 1995. “Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual”. Em *Trabalhos de Linguística Aplicada*, 25. Campinas, S.P.: IEL/UNICAMP.(pp.5-23) e em Abaurre, M.B.M.; Fiad, R. S.; Mayrink-Sabinson, M. L. T.. 1997.*Cenas de Aquisição da Escrita. O sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, S.P.: ALB/Editora Mercado de Letras.
- 3 Têm pesquisado os dados de L.M., além de Mayrink-Sabinson, os seguintes pesquisadores: Luciano Novaes Vidon, que analisou dados de L.M. buscando entender a emergência de um estilo de argumentar por escrito como dissertação de Mestrado e cujo projeto de doutorado envolve uma continuidade de análise; Jovir José de Almeida Filho, Fabiana Constantino Mucholin, Wladimir Stempniak Mesko e Janette Stella Domenica todos bolsistas de Iniciação Científica, trabalharam, também analisando os dados deste sujeito.
- 4 Tendo tido acesso a uma coletânea dos poemas produzidos pelos outros alunos da mesma segunda série, posso dizer que todos eles citam ou aludem algum dos vários poemas lidos, dialogando com eles.
- 5 Evidentemente, para quem conhece o texto.
- 6 Um bolo bem bolado uma festa bem bolada numa casa bem bolada com pessoas bem boladas com coisas bem boladas com animais bem bolados até o bolo era bem bolado até que aconteceu que o bolo estourou polete ririri rororo era o gato Tutu . A menina que se chamava Lili e o gato falou: _ eu estorei, eu Tutu. E a menina falou: _ Que legal. Só que se lembrou do bolo que havia estouradol. No dia seguinte a casa estava muito suja e tiveram que varrer tudo. O

gato que fala ainda não tinha acordado. O cachorro latiu e acordou o gato e tomaram café e todos viram.

- 7 A coruja curiosa. Liliana & Michele Iacocca. Coleção Labirinto. Editora Ática.
- 8 Inclusive para escapar da crítica de escrever “pouco” que a escola lhe fazia.

Referências

- ABAURRE, M. B. M. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In LAMPRECHT R. R. (Org.). *Aquisição da Linguagem: questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R.S. MAYRINK-SABINSON, M. L. T.. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- ALMEIDA FILHO, J. J.. *Formação do leitor: uma história entre um sujeito e leituras*. Campinas: UNICAMP, 2000. Relatório Final de Atividades. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ–Unicamp). (inédito).
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DOMENICA, J. S. *A presença, nas primeiras produções escritas, das leituras feitas pela e para a criança*. Relatório Final de Iniciação Científica. Projeto Integrado de Pesquisa *A Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição de Linguagem Escrita*. CNPq nº 521837/95-2. 1997 (inédito).
- FIORIN, J. L.. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, d. p. de; FIORIN J.L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, Intertextualidade*. Em torno de Bakhtin Mikhail. São Paulo: EDUSP, 1994
- FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas, n.9, p. 5-45, 1987.
- GINZBURG, C. *Mitos Emblemas Sinais: morfologia e história*. Tradução de Schneuwly de F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GRANGER, G. G.. *Filosofia do Estilo*. São Paulo: Perspectiva/ USP, 1968.

MAYRINK-SABINSON, M. L. T.. *A emergência do estilo: construindo o humor no texto*. In: CONFERENCE FOR SOCIOCULTURAL RESEARCH, 13, 2000, Campinas: Unicamp, 2000 (inédito).

_____. *Fazendo humor no texto: a emergência do estilo a partir da análise de um corpus longitudinal em aquisição da escrita*. In: ALFAL, 12, 1999, Santiago de Chile: Chile, 1999 (Inédito)

_____. *Indícios de individualidade na escrita inicial da criança*. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 22, 1993. Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993.

POSSENTI, S.. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Estilo e Aquisição da Escrita*. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 22, 1993. *Anais...* Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993.

VIDON, L. N.. *Individualidade e escolarização: estilos em conflito. Análise de dados longitudinais*. 1999 Dissertação (Mestrado)- IE, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

Signs of Authorship

Efectos de lectura en la producción
escrita de L.M.

Abstract

This paper presents partial results of a longitudinal study on the emergence of individual style, the research of which makes up part of an Integrated Project, financed by the CNPq, entitled "Subjectivity, Alterity and the Construction of Style: the Relationship between Genre Styles and Individual Style." The main objective of this paper is to discuss the role of reading in the emergence of a humoristic style in a subject (L.M.), whose texts, written both at home and at school, are analyzed. We assume a concept of style defended by Possenti (1988; after Granger, 1968), and a socio-historical conception of language (Franchi, 1987; Bakhtin, 1992 [1952-1953])

Key words

- Writing;
- Reading;
- Writing - styles.

Resumen

Este trabajo presenta resultados parciales de un estudio longitudinal sobre la emergencia del estilo individual que se realiza como parte de un Proyecto Integrado financiado por el CNPq, titulado "Subjetividad, Alteridad y la construcción de Estilo: la Relación entre Estilos de Género y Estilos individuales." Su principal objetivo es discutir el rol de la lectura en la emergencia de un estilo humorístico en un niño (L. M), cuyos textos escritos en su casa y en la escuela, son analizados. Asumimos la concepción de estilo defendida por Possenti (1988 apud Granger, 1968), y una concepción socio-histórica del Lenguaje (Franchi, 1987; Bakhtin, 1992 [1952-1953])

Palabras clave

- Escritura;
- Lectura;
- Escritura-estilos.

Departamento de Linguística Aplicada.
Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP Caixa Postal: 6045
E-mal lalau@iel.unicamp.br

Recebido em:02/02/2001
Aprovado em:22/05/2001